
 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS PUCRS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-22, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729   ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> <a href="https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48855">https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48855</a></p>	

SEÇÃO: 30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO NO RS

## A criação da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul: desvelando o protagonismo feminino

*The creation of the Post-Graduation in Communication in Rio Grande do Sul: unveiling female protagonism*

*La creación del Posgrado en Comunicación en Rio Grande do Sul: develando el protagonismo femenino*

**Doris Fagundes**

**Haussen<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-8022-6568](https://orcid.org/0000-0001-8022-6568)

[dorishaussen@gmail.com](mailto:dorishaussen@gmail.com)

**Ione Bentz<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9149-5701](https://orcid.org/0000-0002-9149-5701)

[ionebentz@gmail.com](mailto:ionebentz@gmail.com)

**Nilda Jacks<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1625-2619](https://orcid.org/0000-0003-1625-2619)

[jacksnilda@gmail.com](mailto:jacksnilda@gmail.com)

**Cleusa Scroferneker<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1450-2100](https://orcid.org/0000-0003-1450-2100)

[scrofer@pucrs.br](mailto:scrofer@pucrs.br)

**Ada Machado Silveira<sup>4</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7554-2248](https://orcid.org/0000-0002-7554-2248)

[ada.silveira@ufsm.br](mailto:ada.silveira@ufsm.br)

**Ana Carolina D.**

**Escosteguy<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0002-0361-6404](https://orcid.org/0000-0002-0361-6404)

[carolad2017@gmail.com](mailto:carolad2017@gmail.com)

**Otávio Daros<sup>5</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0738-8207](https://orcid.org/0000-0003-0738-8207)

[otavio.daros@gmail.com](mailto:otavio.daros@gmail.com)

**Recebido em:** 04. set. 2025.

**Aprovado em:** 15. set. 2025.

**Publicado em:** 18 nov. 2025.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

**Resumo:** Em tempos de reivindicação, com razão, de maior participação das mulheres em posições de liderança, inclusive na esfera universitária e vida acadêmica, nem sempre se presta a devida atenção no protagonismo exercido por elas, desde cedo, em determinadas áreas do conhecimento. A fim de traçar um panorama histórico dos 30 anos da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul, esta publicação reúne depoimentos de Doris Haussen, Ione Bentz, Cleusa Scroferneker, Nilda Jacks, Ana Carolina Escosteguy e Ada Machado Silveira, algumas das participantes mais ativas do processo de criação e estabelecimento dos programas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

**Palavras-chave:** Mulheres acadêmicas; Campo da Comunicação; História da pós-graduação; Região Sul.

**Abstract:** At a time of justified demands for greater participation of women in leadership positions, including in universities and academic life, due attention is not always paid to the protagonism they have already played in certain areas of knowledge. To provide a historical overview of the 30 years of the Postgraduate in Communication in Rio Grande do Sul, this publication brings together testimonies from Doris Haussen, Ione Bentz, Cleusa Scroferneker, Nilda Jacks, Ana Carolina Escosteguy, and Ada Machado Silveira, some of the most active participants in the process of creating and establishing the programs at PUCRS, UNISINOS, UFRGS, and UFSM.

**Keywords:** Academic women; Field of Communication; History of postgraduate studies; Southern Region.

**Resumen:** En un momento de justificadas demandas de mayor participación de las mujeres en puestos de liderazgo, tanto en las universidades como en la vida académica, no siempre se presta la debida atención al papel protagónico que ya desempeñan en ciertas áreas del conocimiento. Para ofrecer un panorama histórico de los 30 años del Posgrado en Comunicación en Rio Grande do Sul, esta publicación reúne los testimonios de Doris Haussen, Ione Bentz, Cleusa Scroferneker, Nilda Jacks, Ana Carolina Escosteguy y Ada Machado Silveira, algunas de las participantes más activas en el proceso de creación y establecimiento de los programas en la PUCRS, UNISINOS, UFRGS y UFSM.

**Palabras clave:** Mujeres académicas; Campo de la Comunicación; Historia de los estudios de posgrado; Región Sur.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>5</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil [Entrevistador e organizador].

Embora desde 1978 a Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS) — hoje Escola de Comunicação, Artes e Design — contasse com cursos de especialização na modalidade *lato sensu*, a pós-graduação *stricto sensu* despontaria a partir de 1994. Ainda assim, as instituições que se somaram à iniciativa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) vieram a desempenhar um papel-chave no processo de descentralização da pós-graduação da área de Comunicação no Brasil, restrita, desde suas origens, na década de 1970, à Região Sudeste — Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) etc. — e ao Distrito Federal — Universidade de Brasília (UNB).

Além da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que inaugurou seu mestrado em 1989, a PUCRS, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desencadearam esse movimento de descentração, lançando seus cursos quase em simultâneo. Os dois primeiros foram estabelecidos em 1994 e o terceiro em 1995. Portanto, o diferencial do estado gaúcho foi menos a dianteira e mais a situação privilegiada que se fomentou coletivamente. Do limbo ao lume, o Rio Grande do Sul transformou-se em um dos principais centros de formação de pesquisadores em Comunicação, passando a deter uma das maiores comunidades do país.

A contribuição não foi só em prol da descentralização da produção de conhecimento nacional, como também de sua interiorização. Deve-se considerar também a iniciativa do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2006, de colocar em funcionamento um programa de pós-graduação no *campus* de Santa Maria, cidade localizada a cerca de 290 km de Porto Alegre. Isso para não falar, uma década mais tarde, em 2016, do mestrado profissional proposto pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com sede no *campus* de São Borja, na fronteira com a Argentina.

Um fato menos notado em tal história é o protagonismo que tiveram as mulheres, desde a concepção e implantação dos primeiros cursos. Na PUCRS, a primeira comissão foi constituída por Doris Fagundes Haussen como coordenadora, e completada por Cláudia Peixoto de Moura e Cleusa Scroferneker. Em publicação contínua desde 1994, a *Revista FAMECOS* teve como primeira editora Ana Carolina Escosteguy, também participante do grupo de trabalho montado para criação do mestrado, que, entre outros, reunia Beatriz Dornelles, Jacques Wainberg, Eliana Antonini e Roberto Simões.

Na UNISINOS, a comissão foi encabeçada por Dino del Pino, com apoio de Elvio Funck, Juracy Saraiva e Marli Merker Moreira, responsáveis pela elaboração do projeto de mestrado inserido no Centro de Ciências da Comunicação, em 1994. A formação comum do coletivo na área de Letras conferiu ao curso predileção pela Semiótica, tendência compartilhada por Ione Bentz, responsável por coordenar a expansão do programa sob a oferta de doutoramento em Ciências da Comunicação a partir de 1999.

Na UFRGS, a comissão de implantação do mestrado foi integrada por Maria Schuler como coordenadora, ao lado de Nilda Jacks, Ida Stumpf e Sergio Capparelli, coordenador sucessor do curso em andamento na FABICO. Tal como na federal de Porto Alegre, na de Santa Maria o programa também se viabilizou com maioria feminina: Ada Cristina Silveira continuou os trabalhos iniciados por Eugenia Barichello, sendo aquela a primeira coordenadora do mestrado e editora-fundadora do *Animus*, periódico surgido em 2002. Do colegiado original, além de Adair Peruzzolo, fez parte Veneza Ronsini.

Conversamos com algumas protagonistas dessa história, cujo desenrolar não esteve isento de assimetrias outras, inclusive de gênero. Quanto às entrevistadas, são mulheres nascidas entre as décadas de 1940 e 1960, oriundas de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, embora não somente, com formações e atuações acadêmicas diversas que, em comum, somaram esforços em prol da introdução e do estabelecimento, em nível

regional, do que viemos a entender como campo da pós-graduação em Comunicação.

**Fotografia 1** – Inauguração do Programa de Pós-Graduação da FAMECOS em 14 de abril de 1994, sob a coordenação de Doris Haussen



**Fonte:** Tibério Vargas Ramos/Arquivo da FAMECOS.

**Qual era a situação da pesquisa em Comunicação, regionalmente falando, antes da criação dos programas de pós-graduação da área? A ausência de estrutura institucional significava a inexistência de produção de conhecimento acadêmico especializado?**

**Ione Bentz:** Venho da Linguística. No Rio Grande do Sul, na virada para a década de 1970, foi criado o primeiro mestrado na PUCRS. Ou seja, quando a pós-graduação em Comunicação começou a se estruturar, a Linguística já era uma área historicamente consolidada. Mas não ousaria dizer que não havia vida inteligente nas graduações da área de Comunicação, então organizada por habilitações. Se com o tempo foram propostos mestrados, é porque havia não só interesse, mas alguma massa crítica represada, não atendida pelas habilitações, essas de cunho técnico. A direção das propostas que surgiam para pós-graduação *stricto sensu* era outra: base nas Ciências Sociais Aplicadas.

**Doris Haussen:** Antes da criação dos programas de pós-graduação (PPGs) em Comunicação no Sul, as pesquisas na área, em geral, restringiam-se a estudos realizados individualmente, normalmente frutos de dissertações e teses defendidas em outros programas. Um trabalho a ser destacado foi realizado pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação (ABEPEC), no final dos anos 70, que envolveu diversos cursos de graduação da área e contou com a participação de faculdades, associações como a Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e de vários professores, a exemplo de Iara Bendati, Antonio Gonzalez, Lea Zardo, Sergio Capparelli, além de José Marques de Melo da USP, entre outros.

O fato de os cursos de Comunicação serem relativamente recentes naquela época — o de Jornalismo era o mais antigo — pode ser apontado como uma das causas da ausência de pesquisas. Nesse sentido, outro fato importante foi a instituição de trabalhos de conclusão de curso

(TCCs) nos cursos de graduação, uma proposta do Capparelli, que já possuía o título de doutor.

**Ana Carolina Escosteguy:** A ausência de cursos de pós-graduação *stricto sensu* obviamente não significava que a pesquisa era inexistente, vide os trabalhos do próprio Capparelli, que, na época, já era reconhecido como autor de dois clássicos da área: *Comunicação de massa sem massa* (Capparelli, 1980) e *Televisão e capitalismo no Brasil* (Capparelli, 1982)<sup>6</sup>. Penso que, nessa primeira metade dos anos 80, a pesquisa era fundamentalmente alavancada por motivações próprias, e bolsas de Iniciação Científica não eram acessíveis na área da Comunicação, pelo menos na universidade onde eu cursei a graduação, a Universidade Católica de Pelotas. Lá, lembro que somente professores da Sociologia tinham bolsistas.

**Ada Machado Silveira:** A situação da Universidade Federal de Santa Maria era, em certo sentido, diferenciada. Embora deslocada da região metropolitana, a UFSM teve, desde os anos de 1970, uma forte inclinação para a pesquisa, o que, de certa maneira, favoreceu a promoção de sua cultura. Na década de 1990, nós possuíamos vários grupos de pesquisa atuando e um alto índice de Iniciação Científica, além de um Programa de Educação Tutorial (PET) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estruturado desde 1992. A UFSM, naquele momento, contava com diversos programas em outras áreas, como Filosofia, Química, Educação, Educação Física, Engenharia Florestal, Veterinária e outros. Mas não ainda em Comunicação.

**Fotografia 2** – Reunião de professores da FAMECOS, em 6 de maio de 1993, para discutir a criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social



**Fonte:** Tibério Vargas Ramos/Arquivo da FAMECOS.

<sup>6</sup> Para um quadro da pesquisa em Comunicação no Rio Grande do Sul antes do estabelecimento da pós-graduação, conferir o levantamento iniciado por Francisco Rüdiger e Ana Carolina Escosteguy (1996).

### As universidades já ofereciam alguma pós-graduação *lato sensu* em Comunicação?

**Cleusa Scroferneker:** A FAMECOS foi precursora dos cursos de especialização na área de Comunicação, graças à visão do então diretor da faculdade, Antônio Firmo González, e do apoio do Ir. Elvo Clemente. Em 1978, foram implantados cursos de *lato sensu*: Administração da Comunicação Social e do Turismo, com uma carga horária de 360h/a. Esse foi um movimento importante para a capacitação de professores e de profissionais do Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Turismo. Na oportunidade, em função da minha titulação — de mestrado — organizei e coordenei os cursos.

**Doris Haussen:** Naqueles anos, as graduações em Comunicação já eram reconhecidas e davam seus frutos com a formação de profissionais que se destacavam no mercado de trabalho. Alguns professores, por sua vez, sentiam a necessidade de aprimorar seus conhecimentos e careciam de um espaço para o desenvolvimento de pesquisas. Para isso, inicialmente foi criada uma especialização em Comunicação Social, com ênfase em duas linhas: Administração de Empresas Jornalísticas e Turismo — naqueles anos, a FAMECOS contava com uma graduação em Turismo. Posteriormente, o curso mudou para especialização em Estilos Jornalísticos.

**Ana Carolina Escosteguy:** Já eu ingressei na PUCRS como aluna justamente dessa especialização. Ali iniciei relações acadêmico-intelectuais importantes, que se transformaram em relações de amizade que persistem até hoje. Os dois professores que mais marcaram minha formação nesse período foram Sergio Capparelli e Christa Berger. Caparelli foi meu orientador da monografia de conclusão da especialização. Mais tarde, fomos integrantes de um coletivo de estudo que se reunia para discutir livros e temas, fazendo rodízio das reuniões entre nossas casas.

Um dos temas que me recordo de discussões acaloradas tratava da “pós-modernidade” — via ideias de David Harvey, Marshall Berman, Sergio Paulo Rouanet, entre outros. As aulas da Christa, também, foram inspiradoras porque, mais adiante, me tornei professora de Teorias da Comunicação, e foi nas aulas dela que se deu a abertura de meu repertório, em especial a perspectivas críticas. Lembro ainda que gostei das aulas do Antonio Hohlfeldt, mas meu interesse pelo Novo Jornalismo, tema que me chamou atenção na disciplina dele, foi mais motivado pelo gosto e pelo prazer da leitura desse tipo de texto.

Uma anedota: cursei essa especialização, o que foi muito importante porque abriu meus horizontes intelectuais, e fui, por curtíssimo período, a coordenadora da última edição desse mesmo curso, que tinha esse caráter de encorpar a discussão teórica da comunicação. Na sequência, outros cursos de especialização aconteceram, mas com outra ênfase.

**Ada Machado Silveira:** No Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, implantou-se, em 1996, uma especialização em Teorias e Estratégias em Comunicação e, em 1998, um mestrado interinstitucional (CAPES MINTER), em parceria com a UFRJ, intitulado Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Tecnologia da Imagem<sup>7</sup>. Inicialmente editada por Adair Peruzzolo, a revista *Cadernos de Comunicação* surgiu no contexto dessas experiências. Por meio do MINTER, foram tituladas mais de 20 pessoas, a maioria docentes de fora da UFSM, como do Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Atuei como editora da revista até o ano de 2005, quando também vim coordenar uma outra especialização em Comunicação na universidade.

<sup>7</sup> A experiência do mestrado interinstitucional da UFSM com a Escola de Comunicação da UFRJ foi relatada em maior detalhe por Eugenia Barichello e Muniz Sodré (2001).

**Quadro 1** – Grupo de trabalho de criação do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS

**Mestrado em Comunicação Social (PUCRS)**

<b>Coordenação</b>	Doris Fagundes Haussen
<b>Integrantes</b>	Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Beatriz Corrêa Pires Dornelles, Claudia Peixoto de Moura, Cleusa Maria Andrade Scroferneker, Eliana Pibernat Antonini, Jacques Alkalai Wainberg, Luiza Maria Cezar Carravetta, Roberto José Ramos, Roberto Porto Simões
<b>Área de concentração</b>	Comunicação, Linguagem e Tecnologia: um enfoque interdisciplinar
<b>Linhas de pesquisa</b>	Cultura e Tecnologia das Mídias Linguagens Semióticas da Comunicação Comunicação, Linguagem e Poder nas Organizações

**Fonte:** Dados apresentados por Doris Haussen.

**Quando e como os projetos de mestrado entraram na agenda de discussão? As iniciativas partiram de instâncias superiores da universidade ou do corpo docente da faculdade? O assunto despertou entusiasmo ou resistência por parte dos colegas?**

**Ione Bentz:** Em geral, o desenvolvimento do *stricto sensu* em Comunicação teve mais motivação de pesquisadores do que de ações institucionais, ou seja, os programas foram iniciativa de um grupo de professores que queriam ou já pesquisavam mais estruturadamente.

Na UNISINOS, o projeto de mestrado entrou entre 1992 e 1993 para a agenda de discussão. A ideia veio não da organização, mas do Pe. Pedro Gilberto Gomes, então Pró-Reitor, batalhador incansável pelo progresso da área. Diga-se de passagem, desde lá até hoje, ele deve ser reverenciado pelos serviços prestados à pesquisa em Comunicação, na universidade, na CAPES e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Encontrou o interesse de um professor de literatura da UNISINOS, Dino del Pino, experiente em ensino e pesquisa. Esse foi o embrião do grupo reunido. Fui convidada para integrar o grupo, em razão da área de minha especialidade — Semiótica. Eu não fazia ideia dos desdobramentos que iriam se suceder; apenas achei inusitado, fora da capital, alguém propor um curso em Semiótica. A inspiração do professor Dino, soube depois, vinha da PUC-SP e do

contato com a professora Maria Lucia Santaella, pesquisadora semiótica, reconhecida nacional e internacionalmente.

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), antes de 1994, fez dois projetos para um PPG em Comunicação. Em ambos, integrei a comissão. Houve iniciativa posterior que logrou êxito. Dessa não participei.

**Nilda Jacks:** Dessa última, participei, pois vim transferida da UFSM, a convite da FABICO, justamente para reforçar a equipe, que iria finalizar o projeto do mestrado e implementá-lo, em 1995. Na época, não havia doutores suficientes para assumir tal projeto na UFRGS, o que demandava da FABICO a criação de um mestrado, porque era a última unidade da universidade que ainda não tinha um programa de pós-graduação.

**Cleusa Scroferneker:** Na PUCRS, mais uma vez a visão além do seu tempo de Antônio González e o apoio do Ir. Elvo Clemente foram responsáveis pela constituição de um grupo de trabalho coordenado pela Doris Haussen, já doutora, para pensar e organizar a proposta do curso de mestrado. Havia um grupo de colegas com mestrado, o que já autorizava a implantação de um programa. Uma das exceções era Roberto Simões, que já possuía doutorado à época.

**Ana Carolina Escosteguy:** Além do Simões, da Cleusa e de mim, tenho memória de que o grupo

originalmente estava composto pela Claudia Moura, Luiza Carravetta, Eliana Antonini, Beatriz Dornelles, Roberto Ramos...

Eu era uma entusiasta da ideia e participei de todo esse primeiro momento de concepção do programa, ainda que tivesse apenas o título de mestre. Estava com muita energia para essas discussões, mas não tinha — e nem tenho hoje — nenhuma experiência de gestão. Vendo hoje, avalio que minha participação sempre foi mais de bastidor, estava ali querendo contribuir para algo que tinha sido muito importante na minha formação e via que muitos colegas "da casa", da FAMECOS, não teriam condições de encarar translados, mudanças de cidade — porque já estavam estabelecidos, tinham família etc. —, nem de usufruir o momento de impulsão da PUCRS para formação de outros tantos doutores.

Me engajei com entusiasmo, mas, claro, sempre há resistências, e talvez um pouco mais na área de Comunicação, onde existe, ora de modo mais velado, ora de modo mais contundente, a querela entre "teóricos" e "práticos" — "acadêmicos" *versus* "profissionalizantes". Isso, obviamente, existiu na FAMECOS: entraves, celeumas, disputas etc. Mas creio que o desgaste foi no processo e, em nível mais pessoal, não no ponto de chegada: a criação do programa.

**Ada Machado Silveira:** O contexto em que se implantou e consolidou o nosso Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) deriva especialmente da trajetória do Departa-

mento de Ciências da Comunicação do que hoje se denomina *campus* sede da UFSM. Penso que sua existência é um testemunho da resiliência acadêmica diante de desafios históricos, sociais e institucionais. Sua transformação de um espaço marginalizado para um núcleo de excelência reflete a capacidade das instituições, quando concebidas como espaços socialmente legitimados, de se reinventarem, mesmo em contextos adversos. A história do POSCOM é marcada por desafios que pareceram intransponíveis em vários momentos, mas que foram superados graças à competência acadêmica e ao esforço coletivo de sua heterogênea comunidade.

Desenvolvemos um projeto de titulação dos docentes para ter condições de propor um programa de pós-graduação no novo milênio. E assim ocorreu. Eugenia Barichello, Veneza Ronsini e eu retornamos do doutorado no ano de 2000 e, junto de Adair Peruzzolo, começamos a trabalhar em nossa primeira Avaliação de Propostas de Cursos Novos (APCN). Para o mestrado, foram quatro formulações — 2001, 2003 e 2004 — até que, em 2005, encaminhei a proposta que obteve credenciamento na CAPES.

A UFSM foi a primeira universidade criada no interior do Brasil, como a Universidade Federal de Goiás, mas também foi a primeira criada fora de uma capital de estado federado. E nosso programa viria a repetir essa história. Creio que fomos o primeiro mestrado em Comunicação criado fora do eixo de capitais brasileiras.

**Quadro 2** – Comissão de elaboração do projeto de "Mestrado em Semiótica" do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS

<b>Mestrado em Semiótica (UNISINOS)</b>	
<b>Coordenação</b>	Dino de Sousa del Pino
<b>Integrantes</b>	Elvio Antonio Funck, Juracy Ignez Assmann Saraiva, Marli Merker Moreira
<b>Área de concentração</b>	Semiótica
<b>Linhas de pesquisa</b>	Estudos Cognitivos e Tecnologias da Informação Linguagens, Mídia e Recepção Processos Intersemióticos

**Fonte:** Dados apresentados por Juracy Saraiva.

### **Qual era o diferencial do curso de mestrado proposto e como se deu sua implantação?**

**Ione Bentz:** A proposta original era fortemente inspirada no programa que Santaella coordenava na PUC-SP. A área de concentração era Semiótica e duas linhas de pesquisa eram desenvolvidas: semiologia neo-saussuriana e semiótica peirciana<sup>8</sup>. Na UNISINOS, seria desenvolvida, ainda, uma linha intermediária, que foi desenvolvida por pesquisadores da área da Literatura, de Línguas, de Comunicação, de Pedagogia e de Ciências Sociais. Houve dificuldades de aceitação de parte do Centro de Comunicação da UNISINOS e da CAPES, na figura do coordenador da área de Comunicação de então. Como o interesse dos *players* locais era compor e não destruir, começou o processo de transformação do curso, de modo a atender à especificidade até então não contemplada. Foi um processo pesado, mas que teve um final feliz. Digo isso pelo alinhamento que o programa conseguiu fazer e pelas notas que alcançou na avaliação da CAPES a cada avaliação melhorada.

**Cleusa Scroferneker:** Na PUCRS, também convidamos a professora Lucia Santaella para conhecer e opinar sobre o projeto. Houve ajustes e o curso de mestrado foi lançado em 1994. Estava claro para nós que o programa necessitaria contemplar as diferentes áreas, por isso a proposição de linhas abrangentes. Outro aspecto importante a ser mencionado é de que a internacionalização sempre fez parte do programa. Tanto que foi realizado um seminário com o professor português Adriano Duarte Rodrigues, da Universidade Nova de Lisboa, com o apoio da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS).

**Nilda Jacks:** No caso da UFRGS, o PPGCOM foi criado em 1995, e a primeira turma de mestrado entrou em 1996. Estive na equipe que finalizou e aprovou o programa, ao lado de Maria Schuler,

a coordenadora, Sergio Capparelli e Ida Regina Stumpf. A área de concentração era Comunicação, que logo foi substituída por Comunicação e Informação, ao incorporar professores do curso de Biblioteconomia. A docência era exercida pelos professores já citados, mais Doris Fagundes Haussen, Lilia Maria Vargas, Marília Levacov...

Portanto, percebo que a maior diferença entre os três programas residiu no fato de que o da UFRGS agregou até sua primeira reformulação, e por muito tempo, os professores da Biblioteconomia. Daí ter se chamado Comunicação e Informação — hoje voltou a chamar-se Comunicação, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Esse fato gerou uma das linhas de pesquisa que congregava professores de ambas as áreas, cujo ponto em comum girava em torno das novas tecnologias de comunicação e informação.

**Ada Machado Silveira:** A existência desses três programas criados nos anos 1990, no entorno de Porto Alegre, não nos desanimou, embora soubéssemos da força centrípeta que a cultura litorânea possuía no Brasil. Eu tinha certa familiaridade com os cursos de Comunicação Social de Porto Alegre ao ter realizado minha graduação na UNISINOS e mantido contato com professores e ambientes, tanto da FABICO como da FAMECOS.

No ano de 2025, completam-se 20 anos de credenciamento do PPG da UFSM. Após quatro sucessivas tentativas, o APCN foi recomendado pela então denominada comissão da área de Ciências Sociais Aplicadas da CAPES, em 17 de setembro de 2005. Foi a culminação de uma luta difícil. Não dispúnhamos de algumas credenciais que, para felicidade de colegas de outras universidades que nos seguiram, caíram em absoluto desuso.

O projeto político-pedagógico para o curso de mestrado havia sido aprovado em 27 de janeiro de 2004 pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e, com a recomendação da CAPES, procedeu-se à sua criação pelo Conselho Uni-

<sup>8</sup> Reflexos dessas tendências são visíveis na produção discente do período, como mostra a coletânea de textos de mestrandos organizada por Elizabeth Bastos Duarte (1997).

versitário da UFSM em 18 de fevereiro de 2006. Suas atividades começaram com o primeiro edital de seleção de alunos, publicado em outubro de 2005, seguido do processo de seleção, o que concorreu concomitantemente ao I Seminário de Credenciamento de seu quadro permanente

de docentes, em dezembro do mesmo ano. Em 5 de março de 2006, iniciaram-se as aulas do curso de mestrado. O POSCOM foi admitido na assembleia da COMPÓS de 8 de junho daquele ano. E, desde sua criação, tem definida sua área de concentração em Comunicação Midiática.

**Quadro 3** – Comissão de implantação do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS

<b>Mestrado em Comunicação (UFRGS)</b>	
<b>Coordenação</b>	Maria Schuler
<b>Integrantes</b>	Ida Regina Chitto Stumpf, Nilda Aparecida Jacks, Sergio Capparelli
<b>Área de concentração</b>	Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul
<b>Linhas de pesquisa</b>	Comunicação e Cultura Comunicação e Política Comunicação Organizacional Tecnologias da Informação e da Comunicação

**Fonte:** Dados apresentados por Nilda Jacks.

**Os relatos acima mostram que os programas se viabilizaram por meio de estratégias que não foram as mesmas, inclusive parte de vocês pertencia até então ao quadro docente de outras instituições. Como foram esses movimentos?**





**Ione Bentz:** Minha mudança da UFRGS para a UNISINOS se deu por diferentes razões. Posso nomeá-las: o Governo Fernando Henrique Cardoso e o projeto de desmantelamento das universidades federais no Brasil, aliás, projeto que, infelizmente, renasce de vez em quando; a UFRGS estava empobrecida em todas as suas condições de trabalho, mas o principal motivo não foi esse; lotada no Instituto de Letras, desenvolvia carga docente pesada e orientava pesquisa na graduação e no mestrado. Até aí, nada de novo. Mas fui convidada para contribuir com a FABICO nessas mesmas atividades. Ela, então, era dependente de professores de outras unidades para cumprir seu currículo. Também em ensino e pesquisa, encontrei um espaço muito propício para o desenvolvimento de meus projetos, isto é, maior aceitação pelos alunos, convergência nos objetivos de trabalho e estimulação às competências que eu podia agregar. Em consequência, depois de algum tempo, como acumulava

carga horária, solicitei ao Instituto de Letras que, oficialmente, aceitasse o meu pedido de migração. O pedido foi negado pelo departamento. Como tinha tempo para aposentadoria, tomei a decisão. Iria, então, para casa. A surpresa foi o convite para integrar o corpo docente do então Mestrado em Semiótica. Pela primeira vez, em toda a minha carreira, poderia trabalhar na área de minha formação.

**Nilda Jacks:** Eu fiz o caminho inverso: do interior para a capital, da UFSM para a UFRGS. Desde que me doutorei em 1993, na USP, não deixei de ter pesquisa em andamento, mesmo quando isso não era um requisito para ser docente na graduação. Os concursos públicos não exigiam nem mestrado. Me tornei professora universitária só com a graduação, começando pela categoria auxiliar de ensino. A candidatura à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) veio por insistência do Sergio Capparelli, que era meu colega desde 1994, ano de minha transferência para a FABICO. Na época, faltavam doutores para um PPG, e eu tinha em andamento um projeto interinstitucional com a Doris Haussen e a Ana Carolina Escosteguy sobre indústrias

culturais no Rio Grande do Sul que contava com recursos da FAPERGS.

**Figura 1** – Material de divulgação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, cujas atividades se iniciaram em agosto de 1995

<p>Linha de Pesquisa: <b>Comunicação e Cultura</b> Disciplina: <b>Estudos de Recepção e Identidade Cultural</b></p> <p><b>Nilda Jacks</b></p> <p>Linha de Pesquisa: Desenvolve estudos e problemáticas da comunicação em suas relações intrínsecas com a cultura, reconhecendo a natureza comunicativa da cultura e cultural da comunicação.</p>  <p>Disciplina: <b>Estudos de Recepção e Identidade Cultural</b> aborda as relações entre cultura e comunicação, através dos estudos de recepção dos meios de comunicação, em especial da televisão. Nessa perspectiva, evidencia o papel das identidades culturais na configuração das relações das audiências com os meios e produtos massivos, e a formação de novas identidades a partir dos processos comunicacionais.</p> <p><i>Nilda Jacks</i> coordena uma equipe de pesquisadores que reúne doutores, mestres, bolsistas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FABICO / UFRGS. Doutorada em Ciências da Comunicação pela ECA / USP, com tese vinculada ao Programa Institucional de Investigación en Comunicación y Prácticas Sociales (PROICOM), da Universidad Iberoamericana, México.</p>	<p>Linha de Pesquisa: <b>Comunicação e Política</b> Disciplina: <b>Políticas de Comunicação no Cone Sul e Indústrias Culturais no Cone Sul</b></p> <p><b>Sérgio Capparelli</b></p> <p>Linha de Pesquisa: Análise os modelos públicos e privados de exploração dos meios de comunicação, suas repercussões na economia e na política, assim como as repercussões da economia e da política no Estado regulador / operador dos meios de comunicação.</p>  <p>Disciplina: <b>Políticas de Comunicação no Cone Sul</b> trata dos projetos políticos de comunicação - explícitos ou implícitos - nos países do Cone Sul da América Latina. <b>Indústrias Culturais no Cone Sul</b> estuda o surgimento, a evolução e as condições atuais dos meios massivos de comunicação no Cone Sul, dentro do contexto da globalização.</p> <p><i>Sérgio Capparelli</i> coordena uma equipe de pesquisadores que reúne doutores, mestres, bolsistas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FABICO / UFRGS. Doutorado em Ciências da Informação pelo Institut Français de Presse da Universidade de Paris.</p>	<p>Linha de Pesquisa: <b>Tecnologias da Informação e da Comunicação</b> Disciplina: <b>A Divulgação do Conhecimento Científico</b></p> <p><b>Ida Regina Stumpf</b></p> <p>Linha de Pesquisa: Estuda a divulgação científica. Análise as diversas formas de comunicação da ciência, inclusive aquelas que utilizam novas tecnologias.</p>  <p>Disciplina: <b>A Divulgação do Conhecimento Científico</b> trata dos principais canais de comunicação dos quais se serve a ciência. Trata também de temas como a estrutura da literatura científica, as novas formas de comunicação entre pesquisadores, a difusão do conhecimento através do jornalismo científico.</p> <p><i>Ida Regina Chittó Stumpf</i> encabeça uma equipe de pesquisadores que reúne doutores, mestres, bolsistas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FABICO / UFRGS. Doutorada pela ECA / USP em Jornalismo e Editoração, defendeu tese sobre Revistas Universitárias.</p>	<p>Linha de Pesquisa: <b>Comunicação Organizacional</b> Disciplina: <b>Administração da Comunicação Empresarial para o MERCOSUL ou Administração da Comunicação Intercultural</b></p> <p><b>Maria Schuler</b></p> <p>Linha de Pesquisa: Aborda a administração da função comunicativa integrada das organizações. Busca compreender os efeitos da super-especialização dos ramos da comunicação organizacional, integrando-os de maneira coesa ao planejamento estratégico global.</p>  <p>Disciplina: <b>Administração da Comunicação Empresarial para o MERCOSUL</b> discute um Modelo de Administração da Comunicação Estratégica, preocupando-se tanto com a função discursiva quanto com a função de escuta das organizações, prevendo sua atuação no MERCOSUL.</p> <p><b>Administração da Comunicação Intercultural</b> aborda a nova perspectiva para as relações organizacionais dentro dos blocos econômicos, estudando a comunicação entre protagonistas de culturas (países) diferentes.</p> <p><i>Maria Schuler</i> é responsável por uma equipe de pesquisadores (doutores, mestres, bolsistas e alunos) do Programa. É doutorada pela ESA de Grenoble em Administração de Sistemas de Informação.</p>
---	--	--	--

Fonte: Nilda Jacks/Arquivo da FABICO.

**Na PUCRS, a solução para a falta de titulação do corpo docente foi buscada por meio do projeto Mil Mestres e Doutores para o Ano 2000. Como isso ajudou o desenvolvimento do programa e que benefícios foram concedidos?**

**Doris Haussen:** É um marco a destacar no incentivo à criação de PPGs na instituição. No início dos anos 90, o Reitor Ir. Norberto Rausch informou que três áreas teriam prioridade: Medicina, Comunicação e Informática, e se as faculdades impulsionassem, teriam todo o apoio. Com o incentivo do Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação, Monsenhor Urbano Zilles, e do então diretor da FAMECOS, Antonio Gonzalez, foi criado um grupo de trabalho com essa motivação, para o qual fui indicada para a coordenação. Após um ano, em 1994, seria iniciado o curso de mestrado da FAMECOS e, a seguir, em 1999, começaria o doutorado.

**Cleusa Scroferneker:** Essa grande iniciativa da reitoria realmente possibilitou que colegas

buscassem qualificação. Foi o caso da Doris Haus- sen, Ana Carolina Escosteguy, Beatriz Dornelles, Claudia Moura, Jacques Wainberg e eu, que buscamos a USP para a realização do doutorado. Recebemos apoio da PUCRS, com pagamento de passagens — enquanto a bolsa da CAPES não era liberada — e afastamento com a manutenção do salário por dois anos. Foi uma oportunidade única e que evidenciou a política de valorização da pesquisa e de programas com reconhecimento nacional e internacional da PUCRS.

**Ana Carolina Escosteguy:** Sim, eu fiz minha formação de pós-graduação dentro desse projeto. O mestrado foi um momento muito difícil. Eu tinha algum auxílio da PUCRS, só que o país vivia com uma inflação altíssima, e a bolsa da CAPES chegava muito atrasada. Tempos atrás, encontrei nos meus arquivos uma carta dirigida à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, datada de 15 de maio de 1990, relatando a situação em que vivia: 75 dias de atraso da bolsa e inflação em 80% mensal! Somente sobrevivi porque tive apoio familiar e, principalmente, do

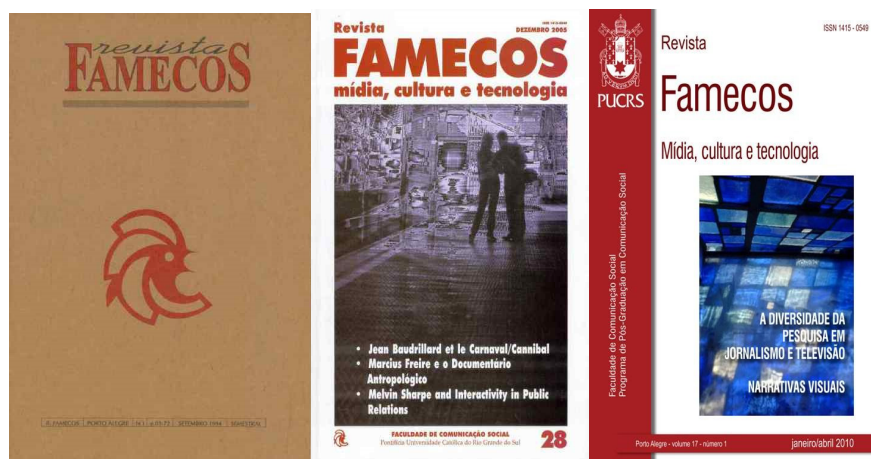
meu companheiro, José Eduardo Utzig, na época.

Já o doutoramento foi um processo diferente e com outros tipos de desafios. Teve a combinação de realizar essa etapa com a maternidade. Minha filha nasceu em julho de 1994 e, em outubro do mesmo ano, fui realizar a prova de seleção em São Paulo. O processo seletivo lá na Escola de Comunicação e Artes (ECA) foi árduo — precisava realizar uma prova e uma entrevista, mas também tinha que amamentar minha filha, que ficava numa sala de aula, vazia, com uma amiga que me acompanhou nessas duas atividades. Eu não esqueço que ouvia seu chororô porque

as salas ficavam no mesmo corredor. Mais tarde, sim, estive licenciada e aproveitei o período para o doutorado sanduiche, em Birmingham, e a finalização da tese.

Nesse meio-tempo, como iria ficar indo e vindo a São Paulo, um auxílio para passagens era essencial. Frequentei com bastante periodicidade a Pró-Reitoria. Óbvio que, primeiro, minha solicitação passou pela instância da direção da FAMECOS e foi aprovada. Depois, o Ir. Urbano Zilles aprovou o auxílio com as passagens. Então, nesse sentido, recebi muito apoio da instituição, o que viabilizou, de fato, o doutoramento.

**Figura 2** – Evolução gráfica da *Revista FAMECOS*, impressa de 1994 até 2010 e, desde então, divulgada em formato exclusivamente digital



Fonte: Arquivo da FAMECOS.

**Hoje, a maioria dos periódicos científicos nacionais requer titulação doutoral para a submissão de artigos. E algumas de vocês, na época recém-doutoras, ou mesmo apenas com o mestrado, foram responsáveis por iniciativas editoriais que seguem aí, bem-avaliadas e que se estabeleceram como referência, a exemplo da Revista FAMECOS.**

**Ana Carolina Escosteguy:** Era outra época, não existiam as exigências de hoje. Não tenho

certeza de como surgiu a ideia nem os motivos pelos quais me transformei na primeira editora da *Revista FAMECOS*, mas éramos muito poucos no momento de criação do mestrado, em 1994. Eu somente tinha o título de mestre. Logo depois, foram feitas novas contratações de doutores. Não lembro a ordem, mas a Eliana Pibernat Antonini também foi muito importante nessa etapa.

No primeiro número da revista, publicamos um pequeno texto relatando a criação do curso<sup>9</sup>. Uma pena que não incluímos nada sobre a revista que

<sup>9</sup> Além do relato de Doris Haussen, Eliana Antonini e Ana Carolina Escosteguy (1994) sobre a criação do curso de mestrado, o primeiro número da *Revista FAMECOS* traz, pelas mãos de Cláudia Moura (1994), um panorama sobre as quatro primeiras décadas de atividades da então Faculdade dos Meios de Comunicação Social.

estava naquele momento sendo lançada. O que lembro é que era uma batalha árdua “conseguir” artigos. Eu ficava contatando colegas, professores de outras instituições, convidando para publicar. E, claro, nesse período bem inicial, praticamente a validação para publicar ou não ficava concentrada na editora. Eu fazia consultas aos colegas, mas não existia nem o processo de submissão, nem de avaliação às cegas.

Mais tarde, entre 2005 e 2010, fui ainda coordenadora da Coleção Comunicação da Editora da PUCRS (EdiPUCRS), com o compromisso de diversificar o catálogo, incentivando também a publicação de trabalhos de colegas inscritos no campo dos Estudos Culturais.

**Ada Machado Silveira:** Quando projetamos a *Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, cujo primeiro número é de 2002, havia poucos periódicos com edição regular e sistemática na área no Brasil. A *Revista FAMECOS* era uma delas. Inicialmente, acumulei a edição de *Cadernos de Comunicação* e *Animus*. Tínhamos a compreensão de que *Animus* se dirigiria a uma

audiência nacional e com rigorosa observância da titulação de doutorado dos autores, um requisito de avaliação do Qualis daquela época. E *Cadernos de Comunicação* se dedicaria a um público mais amplo. Posteriormente, as políticas editoriais se diversificaram. *Animus* incorporou uma seção de “Comunicação e Indústria Criativa”, em parceria com a UNIPAMPA, e *Cadernos de Comunicação* implantou uma seção de “Patrimônio Cultural”, em decorrência de colaboração com o mestrado profissional de mesmo nome.

Em paralelo à consolidação dos periódicos, avançamos na criação de nossa editora, da Faculdade de Comunicação da UFSM (FACOS-UFSM), uma iniciativa que facilitou a criação do curso de Comunicação Social – Produção Editorial pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em 2009. A FACOS-UFSM acabou afirmando-se como estrutura editorial de impacto na UFSM e também fora dela, dadas as recorrentes parcerias que desenvolvemos, especialmente com a edição de *e-books*.

**Figura 3** – Material de reposicionamento do Mestrado em Comunicação da FABICO, após a decisão de incorporação da área de Ciência da Informação, em novembro de 1996

<p><b>O CURSO</b></p> <p>O mestrado em Comunicação da UFRGS, implantado no segundo semestre de 1995, é considerado curso novo (CN) pela Capes. Em novembro de 1996, com a realização do primeiro seminário de auto-avaliação, optou-se por incorporar a área de Ciência da Informação, transformando-o em Mestrado em Comunicação e Informação. Assim, as linhas de pesquisa também sofreram alterações e o curso adquiriu um perfil diferenciado em relação aos demais existentes no Rio Grande do Sul.</p> <p><b>INSCRIÇÃO E SELEÇÃO</b></p> <p><b>REQUISITOS PARA A ADMISSÃO</b></p> <p>O curso está aberto a diplomados em universidade nacional ou estrangeira, em curso de Comunicação e Biblioteconomia ou de áreas afins (Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Letras e Artes).</p> <p><b>DOCUMENTOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• curriculum Vitae</li> <li>• ficha de inscrição</li> <li>• taxa de inscrição</li> <li>• 2 fotos 3x4</li> <li>• diploma de graduação (cópia xerox acompanhada do original)</li> <li>• memorial descritivo (1 lauda) de motivos e intenções do escolha deste curso em particular</li> </ul> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>O processo de seleção é composto de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• prova escrita e prova de língua inglesa</li> <li>• a entrega de uma Proposta de Dissertação, com até 10 páginas, espaço duplo, corpo 12, definindo o tema de estudos, justificando a escolha, expondo os objetivos do estudo e apresentando uma breve revisão da literatura e bibliografia consultada</li> <li>• análise de curriculum</li> <li>• entrevista com os candidatos aprovados nas etapas anteriores</li> </ul>	<p><b>LÍNGUA ESTRANGEIRA</b></p> <p>O candidato ao Mestrado deverá demonstrar proficiência em inglês. O exame de proficiência acontecerá no decorrer do programa e poderá ser realizado na própria Universidade junto ao Instituto de Letras ou mediante a apresentação de certificadas válidas, como Toefl ou Cambridge, etc. A prova de inglês para seleção consistirá em teste de compreensão de texto e servirá apenas para a etapa classificatória.</p> <p><b>DURAÇÃO DO PROGRAMA</b></p> <p>O programa de mestrado não poderá ser concluído em prazo inferior a 12 meses e superior a 36 meses.</p> <p><b>BOLSAS</b></p> <p>Os critérios principais para a distribuição de bolsas são: adequação do projeto do candidato às linhas de pesquisa e classificação no processo seletivo.</p> <p><b>DISSERTAÇÃO</b></p> <p>Para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação, o aluno deverá cursar no mínimo vinte e quatro (24) créditos em disciplinas e seminários e elaborar uma Dissertação, na qual demonstrará suas habilidades na abordagem teórica e/ou empírica do tema escolhido.</p>	<p><b>GRAU DE MESTRE</b></p> <p>Para receber o título, o aluno deverá:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Ter obtido no mínimo 24 créditos em disciplinas ou atividades assim distribuídas: disciplinas obrigatórias, 8 créditos; disciplinas opcionais, 8 créditos; e atividades dirigidas, 8 créditos;</li> <li>obter aprovação no exame de Proficiência em inglês;</li> <li>ser aprovado no exame de qualificação;</li> <li>defender e ter aprovada a dissertação.</li> </ol> <p><b>PROFESSORES</b></p> <p>Christa Berger Doris Fagundes Haussen Francisco Rüdiger Ida Regina Chitté Stumpf Inês Rosito Pinto Kruehl Lilja Maria Vargas Maria Schuler Marília Levacov Nilda Jacks Sergio Capparelli Raul Weber</p> <p><b>LINHAS DE PESQUISA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul</li> <li>• Mídia e Estudos Culturais</li> <li>• Informação e Novas Tecnologias</li> </ul>
---	--	--

Como professoras orientadoras de longa data, vocês imprimiram marcas nos respectivos programas, que vão de temas e perspectivas da Comunicação Organizacional aos Estudos Culturais. Como analisam essa repercussão?

**Cleusa Scroferneker:** Pelo diálogo interdisciplinar, a Comunicação Organizacional é uma área que favorece o acolhimento de pesquisas diversas, o que explica que colegas da Psicologia, Enfermagem, Contabilidade, Administração, História, entre outras, busquem essa linha de pesquisa. Somos atores organizacionais, vivendo em nosso cotidiano as relações pautadas na linguagem e no exercício de poder. Independentemente dos temas, há o atravessamento da e pela Comunicação Organizacional.

Em 2002, titulamos o primeiro doutor da nossa linha: Marcelo Schenk de Azambuja, então docente do curso de Turismo da FAMECOS, hoje professor da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Nilda Jacks:** Com relação aos Estudos Culturais, durante muito tempo trabalhei sozinha, sendo que meu único diálogo foi com Sergio Capparelli, cuja perspectiva era da Economia Política da Comunicação, aproveitando o debate internacional sobre a necessidade de aproximar essas vertentes em prol de análises mais amplificadas dos fenômenos de comunicação. Publicamos um livro do resultado dessa experiência<sup>10</sup>.

Só mais tarde entrou a Elisa Piedras, que foi minha mestrande. Por muito tempo éramos só nós duas. Recentemente, a equipe foi aumentada com a vinda da Veneza Ronsini, da UFSM, e da Ana Carolina Escosteguy, que foi da PUCRS.

**Assim como passamos a reconhecer uma escola latino-americana de Estudos Culturais e de Comunicação, seria muita pretensão falar na formação de uma escola gaúcha?**

**Nilda Jacks:** Meu interesse pela América Latina começou ainda durante a graduação na UFSM. Na

época, ela abrigava a Faculdade Interamericana de Educação, para onde acorriam estudantes de toda a América Latina. Com a convivência com muitos deles, paraguaios, bolivianos, uruguaios, peruanos, equatorianos, eu "descobri a América". Na mesma época, por essa influência, comecei a viajar pela região, começando pelo Uruguai, depois Argentina, Bolívia... E, como aluna de Comunicação, estudava espanhol, pois eram oferecidas quatro línguas, para serem cursadas duas. Quando cheguei ao mestrado na ECA e me encontrei com textos de muitos autores latino-americanos, adotados em cursos de professores ligados à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), já tinha um caminho trilhado em direção a esse universo.

Por fim, sobre a existência de uma escola gaúcha, acho que não se trata de pretensão, mas de uma percepção, que também tive há uns 15 anos, o que me levou a criar com Denise Cogo a Jornada Gaúcha de Pesquisadores da Recepção, que esse ano está na sétima edição, com o nome mais abrangente. Daí a rotular dessa maneira demandaria outras características e elementos. Na década de 1990, José Marques de Melo, em um esforço por identificar os perfis dos pesquisadores da comunicação no Brasil, nomeou de "grupo gaúcho" os desbravadores, sedimentadores e continuadores que atuam no estado.

**Ana Carolina Escosteguy:** Na minha formação intelectual, teve peso o "encontro" com Maria Immacolata Vassallo de Lopes, que foi minha orientadora no mestrado e no doutorado na USP. O vínculo intelectual com a América Latina tem aí sua origem. E que, mais tarde, vai também se expressar nos acordos e intercâmbios.

A Immacolata não foi a orientadora "oficial" da Nilda, mas com certeza também teve muita influência na sua formação. Já no caso da Doris, que fez seu doutorado um pouco antes, sob orientação da Anamaria Fadul, não sei se contou tanto e também não lembro se ela foi aluna da Immacolata. Mas a Fadul também foi divulgadora

<sup>10</sup> O livro em questão foi publicado pela EdiPUCRS com o título *TV, família e identidade* (Jacks; Capparelli, 2006).

de Martín-Barbero. Lembro de completar minha coleção de xerox com textos que eram indicados no curso da Fadol. Esses são pontos importantes a considerar, para pensar tal formação de uma tradição.

No meu caso, foi principalmente nos cursos com a Immacolata que conheci a obra de Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Renato Ortiz. E estabeleci minhas afinidades intelectuais com a reflexão latino-americana. Então, é preciso levar

em conta, no mínimo, esses aspectos mencionados também nas trajetórias da Nilda, da Veneza, da Doris. E de outros que se estabeleceram no Sul, como o Alberto Efendy, a Jiani Bonin, igualmente, orientandos da Immacolata. Com isso, quero chamar a atenção para a influência dela na formação de um grupo que passou a atuar, por sua vez, na formação de novas gerações nos programas daqui. Enfim, isso pode ser uma pista para pensar a questão proposta.

**Figura 4** – Primeiros volumes da série originalmente chamada *Cadernos de Comunicação do Mestrado em Semiótica*, lançada pela Editora da UNISINOS em 1996



Fonte: Acervo digital da Editora da UNISINOS.

**Há quem aqui se destaque pelo trânsito na formação de recursos humanos a partir de múltiplas áreas. Da Letras ao Design, no caso da Ione, responsável por coordenar o PPG da UNISINOS na passagem da área de concentração em Semiótica para Processos Midiáticos. Sendo a professora uma semioticista, tal mudança não deixa de ser paradoxal?**

**Ione Bentz:** Meu percurso como pesquisadora não se pauta pelas áreas em que se inseriram os programas de pós-graduação, mas, sim, pelo respeito e fidelidade à minha área de formação. O

aparato teórico-científico-prático que minha especialidade representa permitiu que, pela abrangência e relevância das Teorias da Linguagem, eu pudesse trazer à Linguística, Comunicação e Design o melhor de minha contribuição, até porque todos esses campos são pautados por questões de linguagem e comunicação. A referida transição, posta na pergunta, foi circunstancial: a UNISINOS propunha um Mestrado em Semiótica, minha especialidade. Aceitei o desafio e integrei a equipe de projeção. Na época, tal proposta foi uma surpresa. Como o proponente era o Centro de Comunicação, esse foi o espaço

de aplicabilidade.

Em 2010, ao completar o mandato de Diretora de Pesquisa, Pe. Marcelo de Aquino, então reitor, me pediu que ajudasse a constituir, na perspectiva transdisciplinar, o projeto do Mestrado em Design. Em termos de configuração, foi feliz a parceria da UNISINOS com o Politécnico de Milão, para desenho do programa. Tendo como área de concentração Design Estratégico, reunimos

colegas da Engenharia, Arquitetura, Administração, Artes, Psicologia e Comunicação, grupo competente para realizar o projeto de "relição de saberes", no dizer de Edgar Morin. Aceitei tal desafio. Eis como se explica um percurso, nessa etapa da carreira, feito de oportunidades, de circunstâncias, sempre fiel à minha formação científica de origem.

**Quadro 4** – Grupo de trabalho de implantação do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM

<b>Mestrado em Comunicação (UFSM)</b>	
<b>Fundadores</b>	Ada Cristina Machado Silveira, Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, Adair Caetano Peruzzolo, Veneza Veloso Mayora Ronsini
<b>Demais professores das primeiras turmas</b>	Luciana Pellin Mielniczuk, Maria Ivete Trevisan Fossá, Márcia Franz Amaral, Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lília Dias de Castro, Antonio Fausto Neto (visitante)
<b>Área de concentração</b>	Comunicação Midiática
<b>Linhas de pesquisa</b>	Mídia e Estratégias de Comunicação Mídia e Identidades Contemporâneas

**Fonte:** Dados apresentados por Ada Cristina Silveira.

**Ada, por sua vez, antes do POSCOM da UFSM, atuou no âmbito do PPG de Extensão Rural. Também é colaboradora do PPG em Comunicação e Indústria Criativa da UNIPAMPA, desde sua criação. Como analisa a regionalização e interiorização da área?**

**Ada Machado Silveira:** Ingressei no PPG em Extensão Rural como mestranda em 1988 e, posteriormente, como docente do quadro permanente. Lá, atuei como coordenadora substituta, revisando a estrutura de linhas de pesquisa num modelo que persiste até a atualidade. O programa havia sido criado nos anos de 1970 e padecia de inadequações profundas. Posteriormente, criei seu projeto de doutorado. Em 2013, me despedi daquele programa por não possuir condições de trabalho em dois programas distintos. Essa experiência me qualificou para desenvolver os projetos de implantação de nosso POSCOM, tanto em seu nível de mestrado como de doutorado.

Minha relação com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa

(PPGCIC) da UNIPAMPA decorre dos vínculos com seus docentes. Coordenei os concursos de instauração daquele *campus* e mantive relações por conta de termos orientandos que se tornaram docentes nos cursos de Comunicação. Em 2016, proporcionamos contatos que abriram caminho, por assim dizer, para o credenciamento do mestrado na CAPES.

A regionalização da pesquisa em Comunicação é uma meta constante de nosso trabalho, junto com os programas sediados em Porto Alegre e com os quais mantemos um vínculo sistemático. Devido a essa mentalidade, a expressão que marca a narrativa da cultura acadêmica do POSCOM deriva de suas ações coletivas e colaborativas. A construção de redes acadêmicas e profissionais manifesta-se como grande atributo de nosso trabalho e que são valiosas no presente e no futuro para o incremento de pesquisas e oportunidades. Essas conexões têm aberto portas para parcerias, publicações e conferências.

**Quadro 5** – Comissão de implantação do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa da UNIPAMPA

<b>Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (UNIPAMPA)</b>	
<b>Coordenação</b>	Tiago Costa Martins
<b>Integrantes</b>	Evandro Ricardo Guindani, Gabriel Sausen Feil, Joel Felipe Guindani, Marcela Guimarães e Silva, Ronaldo Bernardino Colvero, Sara Alves Feitosa, Vivian de Carvalho Belochio
<b>Colaboradores</b>	Ada Cristina Machado Silveira, Cassio dos Santos Tomaim
<b>Área de concentração</b>	Comunicação e Indústria Criativa
<b>Linhas de pesquisa</b>	Comunicação como Indústria Criativa: arte, produção audiovisual e convergência de mídias Comunicação para Indústria Criativa: educação, memória, política e economia

**Fonte:** Dados apresentados por Gabriel Sausen Feil.

**Todas vocês são acadêmicas bem-sucedidas, cada qual por sua trajetória. Olhando para trás, o ser mulher trouxe obstáculos adicionais à carreira? Como observam a participação e a presença de mulheres na pesquisa e em cargos de liderança?**

**Ione Bentz:** Sobre a mulher e seu espaço na sociedade, valeria uma tese. Não gosto de falar perfunctoriamente sobre isso. Ser mulher e profissional, a partir dos anos 70, não foi problema para mim. Tracei um caminho, trabalhei muito para percorrê-lo, fechei os olhos e os ouvidos às conversas preconceituosas e fui em frente, tanto progredindo na formação como participando de eventos nacionais e internacionais. Há um preço a pagar e, no meu caso, não foi diferente, até porque era casada e tinha duas filhas ainda pequenas. Certamente, devo ter sofrido interdições que, algumas, sequer chegaram a mim. Na época, havia uma dezena de mulheres no Brasil que, como eu e com mais coragem ainda, buscavam seu lugar no mundo.

As mulheres e os homens são gêneros de uma mesma espécie humana. São diferentes em sua constituição e experiências. Para ambos, há lugar no mundo para suas qualidades e diferenças. A complementaridade entre eles e suas qualidades faria esse mundo melhor.

**Doris Haussen:** Sobre a questão feminina, na minha carreira nunca foi obstáculo. Considero um avanço a participação da mulher em todas as instâncias e penso que naturalmente irá prosseguir.

**Nilda Jacks:** Ser mulher branca, classe média e com formação universitária não me trouxe nenhum obstáculo onde exerci minhas atividades, tanto no magistério quanto no mercado. No primeiro cenário, talvez porque fossem de domínio feminino os espaços onde atuei — dei aula em colégios privados e públicos e em dois cursos de Comunicação. A equipe de implantação do mestrado da FABICO, por exemplo, tinha três mulheres e um homem. Não sei se em outras condições eu teria passado por algum constrangimento. No mercado, comecei minha carreira, que durou poucos anos, coordenando uma equipe com muitos homens e mais velhos do que eu. Tive poucas dificuldades.

No âmbito acadêmico, tenho a impressão de que sempre houve uma presença proporcional entre homens e mulheres, quando estas não são a maioria, pelo menos é o que observei por onde circulei, tanto como aluna de pós-graduação quanto como professora, pesquisadora e palestrante. Entretanto, teria que considerar também os aspectos regionais para dar uma dimensão mais aproximada dessa situação. Infelizmente, desconheço a situação do Norte, Nordeste e

Centro-Oeste.

**Cleusa Scroferneker:** Também acredito que não, ou pelo menos nunca senti o fato de ser mulher como um limitador ou como obstáculo adicional à carreira. Talvez porque a minha trajetória esteve sempre relacionada à educação. Sempre me senti respeitada e valorizada. Entendo que há uma ampliação de espaço para as mulheres assumirem cargos de liderança. Sob a minha perspectiva, a liderança, independente de gênero, precisa levar em conta o sensível, a afetividade, o reconhecimento do Outro, o respeito à diferença, aos ritmos e expectativas em relação ao trabalho. Sensibilidade e afetividade são dimensões humanas e não podem ser consideradas sinônimo de fraqueza, falta de autoridade. Essa é uma das minhas inquietações quando se trata de liderança.

**Ana Carolina Escosteguy:** Obviamente que sim! Alguns obstáculos foram bem objetivos, outros mais velados. Era um tempo onde a lógica masculinista na academia era muito forte. E todas nós, mulheres, tivemos que sobreviver e disputar lugar aí e, claramente, não ocupávamos posições equitativas com os professores homens.

**Ada Machado Silveira:** Haver nascido e "me tornado mulher", conforme Simone de Beauvoir preconizou, é uma condição incontornável. Saber nela viver e dela sobreviver também o é. Quando entrei na graduação de Jornalismo, na UNISINOS, aos 17 anos, eu me translatei de Bagé para viver em São Leopoldo. Ali, eu vivia no Pensionato São José, com uma centena de colegas de diversas cidades do Rio Grande do Sul

e de outros estados. Essa vivência me despertou para o pluralismo étnico de nossa sociedade, uma riqueza única que me descortinaria vários aspectos que, paulatinamente, vêm compondo minha produção intelectual e meu trânsito em universidades estrangeiras.

Quando me formei, em 1982, o diário *Correio do Povo* vivia uma crise e o cenário era inóspito para jovens recém-formados. Atuei por seis anos e meio como jornalista *freelancer*, repórter e assessora de imprensa. As situações de assédio que sofriamos, tanto eu como outras mulheres, são ainda hoje objeto do mesmo tipo de denúncias. Acho que mudou pouco, embora o campo profissional tenha se desenvolvido extraordinariamente. E foi justamente por este aspecto da busca por respeito à atuação individual que eu decidi retornar para a universidade, ao ingressar no mestrado em Extensão Rural da UFSM em 1988. Eu tinha uma filha pequena e a mudança era problemática.

A questão da mulher intelectual num país de cultura autoritária e de analfabetos funcionais, como o nosso, obviamente que é estarecedora. Tenho tentado observar uma porcentagem igual de autores e de autoras nas bibliografias das disciplinas que ministro, especialmente no doutorado, e não tem sido fácil. A invisibilização da autoria intelectual feminina é um entrave para nosso reconhecimento. Ao mesmo tempo, a presença feminina em cargos de liderança ainda produz descrédito. Eu não pensava, quando era jovem, que chegaria aos 60 anos com o padrão de questionamentos que sofri no passado. Mas esse aspecto parece ser uma agulha no palheiro quando observamos nossas taxas de feminicídio.

**Fotografia 3** – Fundadoras do POSCOM da UFSM, Eugenia Barichello, Veneza Ronsini e Ada Silveira no INTERCOM 2002, em Salvador



**Fonte:** Ada Machado Silveira/Arquivo do Departamento de Ciências da Comunicação (DCC).

**O que acreditam ser e como avaliam suas principais contribuições, ou mesmo legado, em termos de obra intelectual, formação de recursos humanos e atuação institucional?**

**Ione Bentz:** Ao longo de praticamente cinco décadas de atuação no ensino superior, em *lato* e *stricto sensu*, nas três instituições a que estive ligada: Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), antes Fundação Alto Taquari de Ensino Superior (FATES) — como fundadora, diretora de curso e professora; UFRGS — lotada no Instituto de Letras, mas com atuação significativa na FABIÇO, como docente, orientadora e membro de comissões; e na UNISINOS — como coordenadora do PPG em Comunicação, diretora do Centro de Comunicação e da Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação e, desde 2010, também professora no PPG em Design —, pautei meu trabalho por: comprometimento institucional; adesão a projetos de excelência acadêmica com inovação; empenho na quebra da dicotomia teoria/prática, prejudicial ao avanço científico; formação de quadros no espectro de gestão, de modo a constituir equipes autônomas; convicção de

que o pensamento estratégico não deve dizer respeito aos dirigentes superiores, mas a cada um dos membros da equipe; produção científica não burocratizada, padronizada, mas criativa e com relevância ao conhecimento implicado; priorização máxima à formação dos alunos, o que destaca a orientação de trabalhos de graduação, dissertações e teses; concessão de relevância na pesquisa à coerência epistemológica e reconhecimento de seu fundamento ontológico; criação de periódicos científicos e grupos de pesquisa, somada à organização de eventos; e prática da transdisciplinaridade como condição para a busca de respostas, soluções e encaminhamentos para os problemas de pesquisa.

Deixo uma homenagem especial aos alunos, de todas as épocas e níveis de ensino, razão primeira e última de nosso fazer educacional.

**Doris Haussen:** Quanto à minha contribuição à área, no que diz respeito às pesquisas com teor voltado aos estudos de rádio, principalmente sobre política, história e cultura, creio que auxiliaram a preencher uma lacuna sobre o tema e a chamar a atenção de outros pesquisadores,

que vieram a se dedicar ao assunto, como Luiz Artur Ferraretto, Luciano Klockner, Valci Zuculotto, Izani Mustafá, entre outros, que procuraram orientação no PPG, prosseguiram em seus estudos e auxiliaram a disseminar o conhecimento adquirido pelo Brasil afora como professores e pesquisadores. Em relação à orientação dos inúmeros trabalhos, tanto TCCs como dissertações e teses, sinto muito orgulho ao ver o quanto esta atividade foi multiplicadora e disseminadora de conhecimento sobre a área.

Em relação à coordenação que exerci, acho que a busca pelo conhecimento, que me fez procurar a USP para realizar mestrado e doutorado e a Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) para o pós-doutorado, também foi o motivo para perceber a necessidade da criação de um espaço no Sul do país para que outros pesquisadores tivessem oportunidade e que os estudos se expandissem. Lembrando, sempre, que toda essa história se deve a um grupo aguerrido, que acreditou num sonho e o concretizou.

Quanto ao legado, sinto-me realizada, pois vejo o quanto foi importante a criação do Programa de Pós-Graduação que beneficia até hoje os que dele participam, além da sociedade em geral, que usufruem desta tomada de decisão de 30 anos atrás.

**Cleusa Scroferneker:** Sou uma pessoa realizada profissionalmente, desde meu ingresso como professora em 1974. Sou muito grata à universidade pelas inúmeras oportunidades recebidas e que ainda são concedidas. Um/a professor/a, um/a pesquisador/a se realiza no seu fazer cotidiano, desenvolvendo o que acredita. Não se trata de sacerdócio. Trata-se de fazer o que se gosta e o que se acredita. São mais de 42 teses e dissertações orientadas, que correspondem a mais de 42 pesquisadores/as atuando, seja em instituições de educação superior ou no mercado. Sinto-me orgulhosa e feliz quando me dou conta de que tenho uma pequena parcela nessas conquistas.

**Nilda Jacks:** Começando pela formação de recursos humanos, penso que a contribuição maior

se deu em três frentes: uma sólida formação em metodologia da pesquisa em comunicação; o entendimento de que estudar a comunicação exige tomar em conta os sujeitos e o contexto cultural em que os processos se dão; e uma perspectiva latino-americana em termos teórico-metodológicos para enfrentar questões que envolvem os processos e práticas comunicativas ancoradas nesse território sócio-político-cultural.

Sobre as pesquisas e estudos que tenho desenvolvido, talvez a maior contribuição para a área dos estudos de recepção e consumo midiático, na qual mais tenho atuado, é a produção de uma análise longitudinal das dissertações e teses realizadas nos programas de pós-graduação em Comunicação, que abrangem desde a década de 1990 até 2025, ainda em desenvolvimento. Trata-se de um estado da arte com apresentação de uma agenda de pesquisa propositiva para os estudiosos da área.

**Ana Carolina Escosteguy:** De modo ligeiro, creio que podem existir contribuições sobre o papel de divulgação dos Estudos Culturais, sobretudo de determinadas figuras-chave associadas a uma vertente anglo-saxônica no campo acadêmico da Comunicação, quando praticamente esse pensamento estava ausente nas discussões teóricas na área. Sobre a ênfase na incorporação do pensamento latino-americano na pesquisa em Comunicação, sem desprezar o diálogo com as contribuições do Norte. Sobre o meu interesse em questões de gênero e suas vinculações com os estudos de comunicação e cultura, e uma tentativa de revisitar em perspectiva histórica a entrada dessa problemática na nossa área, recuperando a trajetória de pesquisadoras. Sobre uma forma de encarar a atividade docente e a prática da pesquisa, que possivelmente marcou de modo mais evidente meu trabalho de orientação na formação de recursos humanos, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

**Ada Machado Silveira:** Meus projetos como pesquisadora do CNPq têm buscado articular as questões de noticiabilidade com os desafios

da midiaticização, vale dizer, a ampla incidência de aspectos tecnológicos na relação das mídias com práticas profissionais do jornalismo. Acredito que é inevitável alargar o horizonte dos estudos da área.

Minha dedicação à formação de recursos humanos tem sido intensa, porque a universidade pública não distingue, em termos remuneratórios, as horas dedicadas à graduação ou à pós-graduação. Desde o alunado de iniciação científica (IC) e TCCs, passando por especialização, mestrado, doutorado ou supervisão de pós-doutorado, minha dedicação aos grupos de pesquisa é absoluta. Registrei no CNPq o primeiro grupo de pesquisa Estudos de Jornalismo em 2001, que depois passei a colegas, criei, ainda, os grupos Comunicação e Desenvolvimento e lidero o de Comunicação, Identidades e Fronteiras. A rotina dos grupos de pesquisa encaminha o alunado a compreender a importância de uma linha de

pesquisa, das tradições e também das inovações teórico-metodológicas.

A atuação institucional na universidade pública é exigente e não podemos prescindir da presença "frente aluno". Isso conduz a muitos sacrifícios pessoais. Exerci funções como chefe de departamento, coordenadora de pós-graduação e membro de comissões e conselhos. O desempenho por dez anos na chefia do Departamento de Ciências da Comunicação exigiu-me um imenso esforço na atividade de gestão. A par do desafio de implementar nosso programa de pós-graduação em condições limitadas, tivemos que realizar gestões e organizar concursos para a criação do departamento do *campus* de Frederico Westphalen e para o *campus* de São Borja da UNIPAMPA. Trata-se de um trabalho invisível, desgastante e fundamental que tem que ser compatibilizado com as preocupações da pesquisadora.

**Quadro 6** – Histórico de coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul

PUCRS	UNISINOS	UFRGS	UFSM	UNIPAMPA
Doris Fagundes Haussen (1994-1996)	Dino del Pino/ Marli Merker Moreira (1994-1995)	Maria Schuler (1995-1996)	Ada Cristina Machado Silveira (2005-2007)	Tiago Costa Martins (2016-2017)
Jacques Alkalai Wainberg (1996-1997)	Ione Bentz (1996-2001)	Sergio Capparelli (1996-1998)	Eugenia Mariano Barichello (2007-2013)	Vivian de Carvalho Belochio (2018)
Doris Fagundes Haussen (1998)	José Luiz Braga (2002-2004)	Christa Berger (1998-2000)	Márcia Franz Amaral (2013-2015)	Sara Alves Feitosa (2019-2020)
Antonio Hohlfeldt (1999-2003)	Suely Fragoso (2005-2006)	Maria Helena Weber (2000-2002)	Cassio dos Santos Tomaim (2015-2019)	Renata Patrícia Corrêa Coutinho (2020-2022)
Juremir Machado da Silva (2003-2014)	Christa Berger (2007-2011)	Nilda Jacks (2002-2004)	Sandra Rubia da Silva (2019-2021)	Gabriel Sausen Feil (2022-)
Doris Fagundes Haussen (2014)	Suzana Kilpp (2011-2015)	Ida Stumpf (2005-2006)	Liliane Dutra Brignol (2021-2023)	
Antonio Hohlfeldt (2015-2017)	Gustavo Fischer (2015-2019)	Marcia Benetti (2007-2008)	Juliana Petermann (2023-2024)	

PUCRS	UNISINOS	UFRGS	UFSM	UNIPAMPA
Cristiane Freitas Gutfreind (2017-2020)	Ana Paula da Rosa (2019-2024)	Maria Helena Weber (2009-2010)	Aline Roes Dalmon (2024-)	
Cristiane Finger Costa (2021-2022)	Jiani Bonin (2024-)	Miriam de Souza Rossini (2011-2014)		
Juremir Machado da Silva (2022-2025)		Nísia Martins do Rosário (2015-2016)		
Cristiano Max Pinheiro (2025-)		Rudimar Baldissera (2017-2019)		
		Ana Tais Martins (2019-2021)		
		Elisa Reinhardt Piedras (2021-2022)		
		Rudimar Baldissera (2023-)		

**Fonte:** Dados apresentados pelas entrevistadas e por outros coordenadores.

## Referências

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; SODRÉ, Muniz. A experiência do Mestrado Interinstitucional em "Comunicação e Tecnologia da Imagem" ECO-UFRJ/DCI-UFSM. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, n. 4, p. 119-141, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1994.1.2657>. Acesso em: 30 set. 2025.

CAPARELLI, Sergio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Cortez, 1980.

CAPARELLI, Sergio. *Televisão e capitalismo no Brasil: com dados da pesquisa da ABEPEC*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

DUARTE, Elizabeth Bastos (org.). *Semiótica e pragmática da comunicação*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

HAUSSEN, Doris Fagundes; ANTONINI, Eliana Pibernat; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Mestrado em Comunicação Social: atualidade e perspectivas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 19-26, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1994.1.2657>. Acesso em: 30 set. 2025.

JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sergio (coord.). *TV, família e identidade: Porto Alegre "fim de século"*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2006.

MOURA, Claudia Peixoto. FAMECOS: ontem e hoje. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 7-18, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1994.1.2656>. Acesso em: 30 set. 2025.

RÜDIGER, Francisco; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Pesquisa em comunicação no Rio Grande do Sul: notas para avaliação e ordenamento. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 76-86, 1996. DOI: 10.15448/1980-3729.1996.4.2940. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1996.4.2940>. Acesso em: 30 set. 2025.

---

### Doris Fagundes Haussen

Professora Emérita da PUCRS, tendo atuado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social de 1994 a 2017, do qual foi coordenadora. Professora aposentada da UFRGS. Vencedora do Prêmio Luiz Beltrão de Maturidade Acadêmica da INTERCOM 2017.

---

### Ione Bentz

Professora Titular da UNISINOS, onde foi diretora do Centro de Ciências da Comunicação e do seu Programa de Pós-Graduação. Professora aposentada da UFRGS. Integrante do grupo fundador da FATES, atual UNIVATES. Vice-Presidente da COMPÓS entre 1997 e 1999.

---

### Nilda Jacks

Professora Titular da UFRGS, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação desde 1995, do qual foi membro da comissão de implantação e futura coordenadora. Anteriormente docente da UFSM. Pesquisadora de Produtividade 1B do CNPq.

---

**Cleusa Scroferneker**

Professora Titular da PUCRS, onde ingressou em 1974. Membro de diferentes comissões coordenadoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social desde 1994. Presidente da ABRAPCORP no biênio 2024-2026. Pesquisadora de Produtividade do CNPq.

---

**Ada Machado Silveira**

Professora Titular da UFSM, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do qual foi coordenadora. Docente colaboradora do Mestrado Profissional em Comunicação e Indústria Criativa da UNIPAMPA. Pesquisadora de Produtividade do CNPq.

---

**Ana Carolina D. Escosteguy**

Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS e, antes, da UFSM. Professora da PUCRS entre 1986 e 2017, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social desde 1994. Pesquisadora de Produtividade 1C do CNPq.

---

**Otávio Daros**

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, enquanto Pesquisador de Pós-Doutorado do CNPq e da CAPES desde 2023. Pesquisador Visitante da UdeLaR, FU Berlin, UGent e outras. Editor Assistente da Revista FAMECOS.

---

**Endereço para correspondência****Cleusa Scroferneker****Doris Fagundes Haussen****Otávio Daros**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Escola de Comunicação, Artes e Design

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 7

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, RS, Brasil

**Ione Bentz**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Escola da Indústria Criativa

Av. Luiz Manoel Gonzaga, 744

Três Figueiras, 90470-280

Porto Alegre, RS, Brasil

**Ana Carolina D. Escosteguy****Nilda Jacks**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Ramiro Barcelos, 2705

Santana, 90035-007

Porto Alegre, RS, Brasil

**Ada Machado Silveira**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Centro de Ciências Sociais e Humanas, Prédio 21

Camobi, 97105-900

Santa Maria, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*